

A close-up photograph of a person's legs from the mid-thigh down to the feet, wearing a pair of bright red, glossy, pointed-toe high-heeled pumps. The background is solid black, which makes the red shoes stand out. The lighting is dramatic, highlighting the sheen of the shoes and the contours of the legs. The overall mood is elegant and sophisticated.

**Bem vindo à minha  
história**

Ana Maruggi

**BEM VINDO À MINHA HISTÓRIA**

Morei sozinho por alguns anos e isso me trouxe estranhas aventuras e diferentes amores. Era um prédio de pequena altura com duas unidades por andar, sendo que as portas de entrada de ambos ficavam distantes com o elevador entre elas.

Morava eu no sétimo de onde podia enxergar pela janela da sala o sufoco do trânsito na avenida principal.

O outro apartamento talvez tivesse melhor panorâmica, pois a janela dava para o parque onde as crianças brincavam de dia.

Trabalhava na editoração do jornal e fechava a edição diária por volta das 11 da noite. Era demais para os meus 25 anos. Meu lar, meu descanso.

Minhas noites eram atribuladas com a roupa na máquina de lavar chucac chucac, o tão desejado banho quente e abundante, enquanto o jantar ficava à minha espera no micro-ondas, a louça na pia que ia para o escorredor, e um filme na tevê ou um livro para repousar numa trama suave.

Era uma rotina.

Claro que era!

Mas, não dava para fugir desse emaranhado.

Uma noite de chuva ouvi o elevador chegar ao andar, já passava da meia noite. Notei que jamais prestei atenção ao meu vizinho de andar, e nem mesmo o conhecia.

Foi quando apurei os ouvidos. Era um toc-toc de saltos altos se distanciando no corredor. Fiquei surpreso ao saber que havia uma mulher morando ao lado.

Logo pensei como seria estar casado, chegar tarde ainda tendo que preparar tudo para duas pessoas ou mais. Será que eles têm filhos?

Ao mesmo tempo respondi negativamente, pois jamais ouvi voz de criança ou barulho que me lembrasse uma criança correndo ou brincando. Então seria um casal sem filhos, logo conclui.

As trovoadas lá fora ocultavam qualquer outro som. Os raios começaram a iluminar a noite, provocando queda de energia, e meu apartamento ficou no escuro. Somente a iluminação dos raios entravam efusivamente

e saíam com a mesma pressa. Fechei o livro, e dormi de imediato.

Pela manhã bem cedo, no corredor do andar me ocorreu dar uma espiada no outro apartamento. Havia um vaso de plantas ao lado da porta, acima dela o número 72. No meio da porta de madeira bem talhada e de extremo bom gosto, um pequeno quadrinho dizia “seja bem-vindo à minha história”. Que interessante esse pensamento. Realmente, quem entra em nossa casa faz parte de nossa história, nem que seja por alguns segundos.

Fui trabalhar pensando nisso, e passei a ficar atento aos meus amigos do jornal que também faziam parte da minha história.

E às pessoas que cruzavam comigo na rua, elas também eram pontas na minha história.

Passei o dia reconhecendo atores da minha vida. À noite telefonei para minha família que morava no sul. Desta vez me demorei mais conversando e prestei muita atenção ao que me disseram, afinal são eles meus principais atores.

Fazia muito frio, passava da meia noite quando os saltos altos saíram do elevador. Confesso que tive enorme vontade de abrir a porta, dizer boa noite, e até mesmo convidar para um chá quente. Mas o marido não aprovaria. Aliás, ele parecia não estar com ela, havia apenas os passos dela, que iam aos poucos se distanciando.

Logo ouvi o cracrach da chave na fechadura e o tronco da porta se fechando.

Ocorreu-me, então que, possivelmente morasse sozinha como eu. Apurei os ouvidos e num breve momento pude ouvir sua tevê ligada. Era uma música clássica. Mudei o canal da minha tevê e cheguei à tal música clássica que ela ouvia.

Era a transmissão do Concerto de André Rieu e Orquestra Johann Strauss que tinha ocorrido há alguns dias no Olympia. Muito interessante e engraçada a soprano brasileira Carla Maffioletti trajando um figurino de boneca.

Fiquei encantado com a performance, o show foi de primeira grandeza. E, de repente pude ouvir que minha vizinha acompanhava a música. Abaixei meu volume, e a voz dela saiu pelos vãos da porta, preencheu o corredor, invadindo minha casa. Pronto, minha vizinha me visitava. Fiquei emocionado em ter sua voz ali tão perto de mim, era doce, afinada, melodiosa.

Tentei adivinhar como seria essa mulher, e não conseguia, apenas sabia que era organizada, gostava de plantas, tinha linda voz, excelente gosto musical, usava saltos altos e chegava de madrugada. Logo cedo procurei o porteiro.

Queria saber quem morava no sétimo além de mim.

— Ah, Dr. Marco, desculpe a música de madrugada. Tivemos outras reclamações.

— Não. Não, Luiz. A música não me incomodou, pelo contrário, seria prazeroso ouvir todos os condôminos cantando. Só queria saber quem é, nada mais.

— Ah, o senhor gostou da música, então? Disseram que era uma gritaria só!

— Hahahaha. - ri um riso abert, mas contido - Imagine isso! Ela cantava uma ópera

Os Contos de Hoffmann. Estava divino. Quem é que mora lá no sétimo, Luiz?

— É a Anabela, o senhor não a conhece?

— Não. Nunca vi essa Anabela e nem o marido dela.

— Ela mora sozinha, não tem marido.

Fiquei positivamente surpreso em saber que ela morava sozinha. De repente mil coisas e oportunidades passavam pela minha cabeça.

Mas, no fundo da guarita o enorme relógio dizia que eu estava atrasado para chegar ao jornal. O Luiz continuou falando não sei bem o quê, eu fui agradecendo e saindo.

Durante o trajeto, no táxi, a tal Anabela não me saia da cabeça.

O dia parecia se arrastar.

Corri o mais que pude para entregar a edição antes das onze.

E me pus de volta para casa. Estava estranhamente ansioso. Queria ouvir Anabela chegar, entrar, e com muita sorte, ouvi-la cantar outra vez.

Assim que entrei na portaria até pensei em perguntar se ela já havia chegado, mas me controlei.

Cheguei ao sétimo nervoso, não havia ninguém no corredor, como sempre.

Sondei a porta dela e somente o silêncio estava ali, o vaso de planta precisava de água, o número 72 ofegava, ou será que era eu?

O quadrinho agora tinha uma informação mais completa “Seja bem-vindo à minha história, Anabela”.

Mas, que bobagem estou fazendo!? – pensei. Corri para casa.

Fiz cracrach e tronc na minha porta.

Levei ao micro-ondas o jantar, e entrei no banho. A água morna diminuía minha aceleração. Fechei os olhos para aproveitar melhor o momento. A ópera e a voz de Anabela me sondavam.

Comecei a cantarolar Os Contos de Hoffmann, e a alegre música ocupou o box, a sala, saiu pelas frestas da porta, preencheu o corredor e tocou os ouvidos de Anabela que acabava de sair do elevador.

Ouvi quando o toc-toc do salto alto parou antes de chegar à porta do apartamento dela, e depois voltaram em direção da minha casa. A campainha gritou seu nome para mim, e eu corri ainda de roupão para recebê-la.

— Oh, me desculpe você estava no banho? Sou sua vizinha, moro bem ali...Humm... Volto outra hora.

— Não! Fique, por favor.

E apreciei cada virgula de sua fala, os olhos que preocupados, não me fitavam, as mãos que se agitavam no ar tentando

me convencer de que tinha um bom motivo para estar ali naquele instante, e os altos saltos vermelhos em que equilibrava o par de pernas mais roliças que já vi.

— Não se preocupe com a hora. É um enorme prazer conhecê-la. Entre, por favor. Vou me vestir e tomaremos um chá com bolo. Toma um chá comigo, né?

E ela foi entrando, e eu com medo de que ela ouvisse as batidas fortes do meu coração, me afastei em direção ao quarto enquanto ela cruzava as pernas na bergère branca.

— Ouvi você cantando outro dia, disse-lhe em tom alegre. Adoro óperas.

— Ah, que bom. Também ouvi você cantando agora pouco. É um bom contralto.

Percebi que ela sorriu quando respondeu:

Do quarto ainda ouvi que ela era cantora de óperas, e voltava àquela hora dos ensaios.

Um pequeno silêncio pairou.

E depois a voz dela preencheu a casa e chegou ao meu quarto, ela se ofereceu para fazer nosso chá.

— Você se incomodaria?

Toc-toc-toc...

Desse dia em diante muitas vezes ela entrou em minha história, e eu na história dela. Hoje compomos um dueto na via de casados.

